

## FREQUÊNCIA VS. HABITUALIDADE: DISTINÇÕES E CONVERGÊNCIAS<sup>1</sup>

LUÍS FILIPE CUNHA

*Centro de Linguística da Universidade do Porto*

O facto de as línguas naturais terem à sua disposição diferentes mecanismos para a expressão da repetição ou da recorrência de situações levanta importantes questões no que diz respeito à caracterização semântica de tais estruturas e às diferenças que entre elas podemos observar. Na realidade, afigura-se-nos de crucial relevância compreender os efeitos de natureza semântica que algumas das configurações que envolvem repetição de eventualidades acarretam.

Nessa medida, o objectivo central a que nos propomos com o presente trabalho será o de analisar dois dos mecanismos a que os falantes do Português Europeu mais comumente recorrem para a expressão da repetição de situações: a frequência e a habitualidade. Como tal, procuraremos oferecer uma breve caracterização dos referidos padrões de recorrência de eventualidades, associando-os a (pelo menos alguns dos) múltiplos factores linguísticos que os configuram.

---

<sup>1</sup> Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

## 1. FREQUÊNCIA

Em termos muito gerais, diremos que as construções de frequência dão conta de diversos padrões de simples repetição de eventualidades. Isto significa que as configurações frequentativas remetem unicamente para a quantificação de situações, sem ocasionarem quaisquer alterações significativas em termos aspectuais. Nesse sentido, os intervalos de enquadramento em que ocorrem são bastante flexíveis e de extensão muito variável.

Observamos que as eventualidades que integram uma configuração frequentativa não estão sujeitas a grandes alterações no que se refere à sua estruturação temporal interna básica, bem como a todas as propriedades identificadoras de origem que as acompanham. Ou seja, numa construção de frequência, as diferentes situações representadas mantêm a sua autonomia e independência próprias.

Em consequência, os intervalos de enquadramento que tipicamente acompanham as estruturas frequentativas podem ser de extensão muito variável. Os exemplos que a seguir apresentamos ilustram a extrema variabilidade no que diz respeito à extensão dos intervalos de tempo em que uma configuração de frequência pode comparecer:

- (1) Entre as sete e as dez / No dia 10 de Junho, o meu computador bloqueou várias vezes / frequentemente.
- (2) Na semana passada, encontrei a Maria várias vezes / frequentemente.
- (3) Em 1999, o João foi a Coimbra várias vezes / frequentemente.
- (4) Durante os últimos trinta anos, o António conduziu um Volvo várias vezes / frequentemente.

Tal significa que as estruturas frequentativas impõem muito poucas restrições à configuração temporal das situações que as compõem, quer no que respeita à existência de pausas, quer no que se refere à extensão do intervalo de enquadramento que as acompanha. Este tipo de comportamento indicia que a expressão da frequência mantém inalterada a independência e a autonomia das eventualidades que a integram.

Em línguas como o Português, a representação da frequência está normalmente associada à comparência de certos advérbios frequentativos (ex.: *frequentemente*, *ocasionalmente*) e a outras

expressões que quantificam sobre situações (ex.: *várias vezes, muitas vezes*). No entanto, conflitos entre a duração das eventualidades e a dos adverbiais temporais que as acompanham, bem como outras indicações fornecidas pelo contexto, podem conduzir a uma leitura frequentativa. É importante sublinhar que os padrões de ocorrência de situações descritos nas estruturas frequentativas são muito variáveis. Nesse sentido, os falantes do Português têm à sua disposição formas linguísticas que permitem diferenciar claramente vários “graus” ou “níveis” de frequência. Propomos, assim, a distinção entre expressões que denotam baixa frequência (cf. 5-7), média frequência (cf. 8) e alta frequência (cf. 9-10)<sup>2</sup>:

- (5) No mês passado, o João telefonou à Maria poucas vezes.
- (6) No mês passado, o João telefonou à Maria ocasionalmente.
- (7) No mês passado, o João telefonou à Maria de vez em quando.
  
- (8) No mês passado, o João telefonou à Maria algumas / várias vezes.
  
- (9) No mês passado, o João telefonou à Maria muitas vezes.
- (10) No mês passado, o João telefonou à Maria frequentemente.

Por outro lado, afigura-se-nos de crucial relevância distinguir entre os adverbiais inequivocamente frequentativos, como *ocasionalmente* ou *frequentemente*, que, para além da quantificação a que procedem, denotam um certo padrão de regularidade no que respeita à comparência das situações envolvidas e expressões como *poucas / algumas / várias / muitas vezes*, que apenas parecem apontar para a determinação de uma dada quantidade de ocorrências da eventualidade em causa, sem, no entanto, fornecerem quaisquer indicações concretas acerca da proporcionalidade, ao nível de distribuição, em que tal acontece.

Em suma, diremos que, em sentido estrito, a expressão da frequência dá conta da repetição de uma determinada quantidade (não totalmente especificada) de situações distribuídas regularmente ao longo de um intervalo de tempo. No entanto, no presente trabalho

---

<sup>2</sup> Como ficará bem claro na secção 3 do presente trabalho, este tipo de diferenciação irá desempenhar um papel crucial no que respeita à descrição de certas divergências ao nível do comportamento linguístico manifestado pelas configurações frequentativas.

continuaremos a privilegiar a ideia de que a frequência remete, principalmente, para a quantificação de eventualidades, pelo que incluiremos na nossa análise, para além dos adverbiais frequentativos, formas como *poucas* / *algumas* / *várias* / *muitas vezes*.

Como já foi dito, as configurações frequentativas limitam-se, por princípio, a dar conta de diferentes padrões de repetição de situações, sem, contudo, conduzirem a quaisquer alterações significativas ao nível do seu perfil aspectual básico. Isto significa que as propriedades características das eventualidades básicas que integram uma construção frequentativa são, normalmente, preservadas. Com efeito, os dados relativos à comparência de adverbiais temporais parecem confirmar esta hipótese:

- (11) Quando trabalhava na fábrica, a Maria fez várias vezes / frequentemente o almoço em 5 minutos. (*processo culminado*)
- (12) Quando estive emigrado, o João trabalhou várias vezes / frequentemente durante 15 horas (seguidas). (*processo*)
- (13) Durante as férias, a Maria acordou várias vezes / frequentemente às 8 da manhã. (*culminação*)
- (14) Durante o Inverno, o António tossiu várias vezes / frequentemente às 3 da manhã. (*ponto*)

As frases em (11)-(14) sugerem-nos, pelo menos até um certo ponto, que o perfil temporal interno básico das predicções a que as expressões frequentativas se aplicam é tendencialmente preservado, na medida em que se mantêm inalterados os diferentes padrões combinatórios com adverbiais temporais característicos de cada uma das classes aspectuais representadas.

Por outro lado, as estruturas frequentativas combinam-se praticamente com todas as classes aspectuais de predicções, não impondo restrições particulares quanto ao tipo de eventualidade a que se aplicam. Este facto sugere que os seus efeitos em termos de selecção aspectual são mínimos.

As frases que a seguir apresentamos ilustram a comparência das diversas classes aspectuais em configurações frequentativas. Exceptuam-se, naturalmente, os estados de indivíduo não “faseáveis”, na medida em que, aplicando-se directamente às entidades que predicam e requerendo intervalos de ocorrência longos

e estáveis, tais estativos não aceitam facilmente a repetição, seja de que natureza for. Sublinhe-se, por conseguinte, que a impossibilidade da presença de estados de indivíduo não “faseáveis” em estruturas de frequência não se deve a restrições particulares impostas pela construção em si, mas às próprias características inerentes a estes estativos, que se revelam incompatíveis com quaisquer formas de repetição<sup>3</sup>.

- (15) Em 1999, a Maria esteve várias vezes / frequentemente doente. (*estado de “estádio”*)
- (16) O meu cão foi várias vezes / frequentemente agressivo com as visitas. (*estado “faseável”*)
- (17) No ano passado, a Maria esquiou várias vezes / frequentemente. (*processo*)
- (18) O Rui cantou várias vezes / frequentemente o Hino Nacional na escola. (*processo culminado*)
- (19) Durante a gravidez, a Paula desmaiou várias vezes / frequentemente. (*culminação*)
- (20) Durante a noite passada, a Ana espirrou várias vezes / frequentemente. (*ponto*)

O facto de as configurações frequentativas se limitarem a dar conta de padrões de repetição de eventualidades, sem produzir alterações muito significativas em termos do “perfil” temporal interno básico que as identifica, terá importantes consequências ao nível da sua própria caracterização. Em particular, como vimos, parece favorecer uma grande flexibilidade no âmbito de aplicação das referidas estruturas.

Assim, a ausência de efeitos aspectuais relevantes intrínseca às construções frequentativas poderá ajudar a explicar algumas das propriedades que lhes atribuímos, nomeadamente: a presença de pausas ou hiatos, de extensão variável, entre as situações repetidas; a extrema flexibilidade quanto à selecção de intervalos de enquadramento em que a reiteração de eventualidades pode ocorrer (*cf.* 1-4); e, finalmente, a grande variabilidade quanto ao número de repetições expresso, patenteada pela distinção entre baixa, média e alta frequência (*cf.* 5-10).

---

<sup>3</sup> Para a discussão e para a fundamentação, em termos semânticos, da classificação dos estativos a que recorremos aqui, veja-se Cunha (2004).

Dadas todas as observações que acabámos de efectuar, afigura-se-nos plausível encarar o efeito resultante da aplicação das estruturas frequentativas como uma espécie de pluralização de situações (cf. Geenhoven 2004): tal como sucede com os nominais pluralizados, a expressão da frequência não especifica o número exacto de ocorrências da eventualidade repetida. Sob este ponto de vista, podemos dizer que as construções frequentativas permitem exprimir uma pluralidade de ocorrências, mantendo, todavia, a plena autonomia e a identidade de cada uma das situações que as constituem. Com efeito, parecem ser integralmente preservadas, por exemplo, as características em termos espaço-temporais que identificam cada uma das eventualidades que participam numa configuração de frequência (i.e., numa frase do género de *O João visitou a Maria frequentemente / várias vezes*, cada uma das visitas particulares mantém, em princípio, as suas propriedades espaço-temporais básicas inalteradas).

A expressão da frequência permite, pois, dar conta de diferentes padrões de repetição de situações, preservando, no entanto, a independência e a “individualidade” de cada uma delas.

Em síntese, e tomando em consideração as observações realizadas ao longo da presente secção, estamos em condições de concluir que as configurações frequentativas funcionam fundamentalmente como meros quantificadores sobre situações, exprimindo diferentes padrões de repetição de (um número não especificado de) predicções, cada uma das quais mantém relativamente inalteradas as suas propriedades aspectuais básicas e a sua autonomia espaço-temporal.

Sumarizamos, em seguida, as principais características que permitem identificar as construções frequentativas:

- As configurações de frequência não alteram substancialmente o perfil aspectual básico das eventualidades a que se aplicam, funcionando, em geral, como meros operadores de quantificação ou de pluralização.
- As configurações de frequência admitem, sem problemas, a presença de pausas entre as situações repetidas, o que indicia fortemente a sua independência em termos espaço-temporais.
- As configurações de frequência comparecem em períodos de tempo de extensão bastante variável, não impondo grandes restrições quanto ao tipo de intervalo de enquadramento que as acompanha.

- As configurações de frequência permitem dar conta de padrões de repetição muito diversificados, sendo possível distinguir entre estruturas que apontam para a baixa, para a média ou para a alta frequência de ocorrência das situações. Para além disso, se pensarmos na expressão da frequência em sentido estrito, ela dá igualmente conta de uma certa regularidade no que respeita à distribuição das situações repetidas pelo intervalo de tempo em que decorrem.

## 2. HABITUALIDADE

Em termos gerais, diremos que a habitualidade descreve características genéricas e identificadoras dos indivíduos que nela tomam parte. Nesse sentido, as estruturas em causa comportam-se linguisticamente como os estados de indivíduo, embora preservem algumas das propriedades básicas das situações a que se aplicam. Por outro lado, as construções de habitualidade distinguem-se das restantes configurações que exprimem a repetição de eventualidades por decorrerem em intervalos de tempo obrigatoriamente longos e preferencialmente não delimitados.

Mais do que simplesmente quantificarem sobre situações, as configurações de habitualidade dão conta de características gerais que permitem qualificar os indivíduos que nelas se encontram envolvidos. É por essa razão que Krifka *et al.* (1995) as incluem no conjunto de estruturas a que dão o nome de frases caracterizadoras.

Embora compreendam tipicamente repetição de eventualidades, tal como sucede com as construções frequentativas, as estruturas de habitualidade vão para além da mera indicação da ocorrência de um número não especificado de situações, caracterizando, generalizando ou estabelecendo propriedades identificadoras das diversas entidades que predicam. Não surpreende, por conseguinte, que realizem, pelo menos em certa medida, como iremos ver, alguns dos comportamentos típicos dos estados de indivíduo.

Não é, pois, apenas o número ou a quantidade de ocorrências das eventualidades que estão em causa nas configurações habituais, mas sobretudo a sua relevância no que se refere à caracterização das entidades envolvidas. Na expressão da habitualidade estão, assim, implicados conceitos como o de “normalidade”, o de “tipicidade” ou

o de “generalização” que, sob um certo ponto de vista, a podem aproximar da representação da modalidade.

Em línguas como o Português, uma leitura de habitualidade pode ser obtida por meio de configurações muito diversificadas. De entre os vários elementos linguísticos que se revelam capazes de conferir uma interpretação habitual às eventualidades com que comparecem, destacaremos o verbo aspectual *costumar* (cf. 21-22); adverbiais que remetem especificamente para a habitualidade ou para a generalização de situações, do tipo de *habitualmente* ou de *geralmente* (cf. 23-24); e certos tempos gramaticais –nomeadamente o Presente do Indicativo e o Imperfeito– que podem ser caracterizados como indutores de estatividade e que, no contexto de predicções eventivas, favorecem uma interpretação preferencial de cariz habitual (cf. 25-26; veja-se Smith 1991; Cunha 2004):

- (21) O João costuma passear no jardim.
- (22) A Ana costumava ler o jornal.
  
- (23) O João geralmente vai de metropolitano para a faculdade.
- (24) A Ana telefonava às amigas habitualmente.
  
- (25) O João fuma.
- (26) O Manuel nadava nas piscinas do Fluvial.

Importa sublinhar ainda que factores de natureza contextual podem desencadear, em condições adequadas, uma leitura habitual das predicções: o nosso conhecimento do mundo e o contexto global em que um dado discurso se insere favorecem, por vezes, a perspetivação das situações envolvidas como estados habituais. É o que sucede, por exemplo, quando nos deparamos com adverbiais que, de alguma maneira, apontam para longos períodos de tempo, em interacção com eventos básicos cujo “perfil” aspectual se revela de todo incompatível com a duração especificada. Este parece, na verdade, ser o caso das frases em (27) e (28):

- (27) O António fumou durante vinte anos.
- (28) O Manuel trabalhou na CP durante trinta e seis anos.

É evidente que, nos exemplos que acabámos de apresentar, a discrepância entre a duração do evento e o intervalo para que remete



o adverbial só parece ser interpretável se conferirmos à predicação um valor de reiteração de natureza habitual.

A observação atenta dos exemplos aqui expostos leva-nos, porém, a concluir que se torna extremamente difícil isolar e identificar elementos linguísticos que, por si sós, sejam passíveis de suportar a habitualidade. Pelo contrário, a interpretação habitual parece ser o resultado da interação dinâmica entre múltiplos factores que envolvem não só a informação explicitamente contida na frase mas também indicações respeitantes ao contexto e ao conhecimento do mundo.

Como já referimos, as configurações habituais perspectivam as situações básicas a que se aplicam como predicações de cariz estativo. As estruturas sob análise tomam como seu “*input*” uma série de situações episódicas do mesmo tipo, quantificando-as e conferindo-lhes um valor genérico, o que se traduz na sua inclusão num estado de tipo habitual.

Mas, ao contrário dos operadores aspectuais geralmente estudados na literatura, as construções de habitualidade não comutam integralmente as eventualidades básicas a que se aplicam. Com efeito, veremos que as estruturas habituais permitem preservar as características fundamentais das situações que se constituem como o seu “*input*”, combinando-as com as propriedades da categoria de saída a que dão origem, i.e., dos estativos. Neste ponto, contrastam com os operadores aspectuais que procedem a uma completa conversão da situação base numa outra de natureza diferente, apagando todas as marcas da primeira em favor das da segunda.

Na sequência das propostas de Cunha (2004), assumiremos que as configurações que remetem para a habitualidade funcionam como “perspectivadores” aspectuais, ou seja, como elementos linguísticos que, apesar de alterarem substancialmente o “perfil” temporal interno de uma dada situação, não a transformam ou comutam integralmente, mantendo visíveis algumas das características básicas que a identificam.

Nesse sentido, surpreendemos nas construções habituais a coexistência pacífica de dois adverbiais temporais, ambos indicando medição, um respeitante à categoria de base e outro relativo ao todo do estado habitual. Observem-se os seguintes exemplos:

- (29) A Ana trabalhava / trabalhou 8 horas (por dia) durante os primeiros anos na empresa.
- (30) A Rosa Mota correu / corria a maratona em duas horas durante 15 anos.
- (31) O João chegava / chegou à faculdade às onze da manhã durante 35 anos.
- (32) O meu relógio despertava / despertou às oito horas da manhã durante muitos anos<sup>4</sup>.

Em cada uma das frases aqui apresentadas, os dois adverbiais temporais parecem desempenhar o mesmo tipo de função, a saber, a circunscrição ou medição do intervalo de tempo ocupado por uma determinada eventualidade. No entanto, existem diferenças bastante substanciais entre eles: enquanto os primeiros se destinam fundamentalmente à delimitação do evento básico, os segundos têm escopo somente sobre o estado habitual de cariz derivado.

Por outro lado, os exemplos de (29)-(32) comprovam que os diversos adverbiais que se encontram ligados às situações de base variam consoante a categoria aspectual por elas veiculada, o que significa, em última instância, que se mostram sensíveis a (pelo menos algumas) características definitórias das predicções de origem, mesmo após o licenciamento da interpretação de habitualidade. Este é, sem dúvida, um forte argumento em favor da ideia de que a expressão da habitualidade é tipicamente levada a cabo por um “perspectivador” aspectual, bem diferente, portanto, de um mero operador, cujo “*output*”, como dissemos, perde claramente a “memória” da classe de que provém.

Com base nos factos que acabámos de discutir, proporemos a hipótese de que as configurações habituais combinam, de forma explícita, propriedades das predicções de origem a que se aplicam com características dos estativos, a classe aspectual que, como veremos em seguida, resulta da sua aplicação.

Ao contrário do que sucede com as construções frequentativas que preservam na totalidade as propriedades aspectuais mais

---

<sup>4</sup> Notemos, de passagem, que, no que respeita a simples operadores aspectuais, a comparência de dois adverbiais de “medição” temporal (um relativo ao “*input*”, outro ao “*output*”) dá lugar a uma notória anomalia semântica, como exemplos do género de “\*A Maria esteve a escrever uma carta em meia hora durante vinte minutos” ou de “\*A Ana começou a correr durante vinte minutos às três da tarde” deixam bem patente.

relevantes das predicções a que se aplicam, temos vindo a assumir, ao longo da presente exposição, que as estruturas que envolvem habitualidade são, em última análise, de natureza estativa. Existirão, porém, argumentos linguísticos capazes de fundamentar uma tal tomada de posição? É o que procuraremos investigar em seguida.

A aplicação dos diversos critérios propostos por Cunha (2004) para a detecção da presença de estatividade indicia fortemente que nos encontramos, na realidade, face a construções de índole estativa. Assim (e embora o “teste” da leitura preferencial com o Presente do Indicativo não seja, por razões óbvias, ajustável a estes casos), as estruturas habituais podem surgir, sem dificuldades, sob o escopo do verbo de operação aspectual *passar a* (cf. 33-34) e, integradas na subordinada de orações temporais introduzidas por *quando*, incluem, obrigatoriamente, os eventos presentes na principal (cf. 35-36).

(33) O João passou a fumar (habitualmente / # neste momento)<sup>5</sup>.

(34) O meu cão passou a ladrar de noite<sup>6</sup>.

(35) Quando o João fumava, teve uma síncope cardíaca.

(36) Quando a Rita trabalhava na faculdade, recebeu um prémio de mérito.

Se, como a aplicação dos testes relevantes deixa adivinhar, nos encontramos perante estativos, importa investigar a que subclasse de estado pertencem as construções habituais.

Não se afigura muito difícil provar que as estruturas que envolvem habitualidade veiculam estados de indivíduo. Com efeito, tais configurações revelam-se compatíveis, como já referimos, com o operador *passar a*, manifestam restrições relevantes quanto à co-ocorrência com advérbiais de mera localização temporal (vejam-se os

---

<sup>5</sup> Refira-se que nos interessa unicamente a interpretação do advérbial relativa à situação integrada no escopo de *passar a* e não à globalidade da predicção, entendida como um todo. Nesse sentido, um exemplo como este servirá fundamentalmente para deixar claro que apenas estados habituais (e não eventos básicos) podem surgir, sem problemas, no contexto em causa.

<sup>6</sup> Compare-se esta frase com #*O meu cão passou a ladrar*, em que uma leitura habitual da predicção sob o escopo do operador se afigura pouco plausível, tornando o resultado final algo estranho. De qualquer forma, a ser aceitável, este exemplo apenas poderá corresponder à interpretação habitual, em que o meu cão adquiriu a capacidade de ladrar, e nunca à leitura episódica, correspondente a “O meu cão começou a ladrar”.

exemplos em 37-38) e não permitem a comparência de quantificadores do género de *sempre que* (cf. 39-40). Refira-se, porém, que este último facto poderá ser também devidamente explicado com recurso ao princípio mais geral de que as expressões de tipo habitual quantificam sobre eventos, encontrando-se, por esse motivo, incapacitadas para receber qualquer outro elemento que desempenhe uma função semelhante.

- (37) \*Ontem, o João fumava habitualmente.  
 (38) \*No dia 1 de Junho de 2001, o meu cão ladrava habitualmente.  
 (39) \*Sempre que o João fumava habitualmente, ia para o hospital.  
 (40) \*Sempre que o meu cão ladrava habitualmente, a vizinha queixava-se.

Em suma, e face ao seu comportamento linguístico, diremos que as estruturas de habitualidade representam estados de indivíduo, obtidos a partir de uma generalização efectuada sobre eventualidades episódicas. Sob este ponto de vista, a função central do “perspectivador” de habitualidade seria a de converter predicções de “estádio” em predicados de indivíduo: graças à múltipla repetição de situações episódicas, obter-se-ia uma característica “genérica” a atribuir ao(s) participante(s) envolvido(s). Isto explicaria o facto de todas as classes aspectuais, excepto estados de indivíduo não “faseáveis”, poderem comparecer em estruturas habituais, como os seguintes exemplos ilustram<sup>7</sup>.

- (41) \*O João é habitualmente alto. (*estado de indivíduo*)  
 (42) \*A Lígia sabe habitualmente francês. (*estado de indivíduo*)  
 (43) A Ana está habitualmente doente. (*estado de “estádio”*)  
 (44) O meu cão é habitualmente agressivo. (*estado faseável*)<sup>8</sup>  
 (45) O Rui joga ténis habitualmente. (*processo*)

---

<sup>7</sup> Acresce que, tal como já referimos anteriormente, os estados de indivíduo não “faseáveis”, ao caracterizarem directamente as entidades que predicam e ao requererem um intervalo estável para a sua ocorrência, se revelam, à partida, incompatíveis com quaisquer processos de repetição.

<sup>8</sup> A comutação prévia de estados de indivíduo de cariz [+faseável] em processos e a sua posterior reconversão em eventualidades de cariz estativo seria plenamente justificável pela atribuição de um valor habitual às predicções em causa.

- (46) A Rosa Mota corre a maratona habitualmente. (*processo culminado*)
- (47) O meu cão salta habitualmente o muro dos vizinhos. (*culminação*)
- (48) O Pedro espirra habitualmente. (*ponto*)

Podemos, por conseguinte, concluir que a função central do “perspectivador” de habitualidade é a de generalizar sobre situações de carácter episódico, convertendo-as em estados habituais, uma das realizações possíveis da genericidade em línguas como o Português.

No entanto, como já sublinhámos, as construções habituais não comutam integralmente as situações com que se combinam. Na realidade, enquanto “perspectivadores” aspectuais, preservam algumas das características das predicções básicas a que se aplicam. Este facto é particularmente evidente no que diz respeito às possibilidades combinatórias com os adverbiais temporais (*cf.* 29-32) e à capacidade de manutenção das relações intra-discursivas que se estabelecem entre eventualidades linearmente ordenadas (*cf.* 49-50):

- (49) Habitualmente, o despertador tocava, a Maria levantava-se, descia as escadas e fazia o pequeno-almoço.
- (50) Habitualmente, o comboio chegava, os passageiros saíam e dirigiam-se para a praça de táxis.

Embora, encaradas na sua globalidade, as situações representadas nas frases (49) e (50) descrevam estados habituais, não deixam de preservar a interpretação sequencial característica dos eventos básicos de que são formadas. Por outras palavras, verificamos que a quantificação propiciada pelo estado habitual não apaga por completo a relação de sucessividade que os eventos, antes da sua aplicação, estabelecem entre si.

Nesse sentido, e apesar do inegável efeito de “perspectivação” como estados de indivíduo a que dão lugar, as estruturas habituais mantêm acessíveis algumas das mais relevantes propriedades básicas das situações com que comparecem.

Em síntese, uma análise como a que acabámos de propor, alicerçada na noção de “perspectivação” aspectual, permite-nos conciliar o carácter indubitavelmente estativo ostentado pelas construções habituais com a preservação de certas características das eventualidades de origem que nelas tomam parte. Mais do que um

conjunto de situações concretas, a habitualidade exprime uma generalização, um potencial, em que a um dado indivíduo é atribuída a característica de se encontrar envolvido num determinado tipo de eventualidade. Assim, uma frase como *O João joga basquetebol* não traduz tanto as diferentes situações particulares em que o João jogou basquetebol, mas antes a propriedade geral correspondente ao estado de “o João ser jogador de basquetebol”.

Tomando em conta toda a discussão que empreendemos, estamos em condições de concluir que as estruturas de habitualidade perspectivam uma repetição de situações como um estado de natureza habitual que dá conta de certas características genéricas dos indivíduos que predica.

As propriedades mais relevantes que nos permitirão identificar as construções habituais são:

- As configurações de habitualidade expressam normalmente certas características típicas ou atribuem propriedades de cariz genérico aos indivíduos que predicam, efectuando, assim, uma generalização sobre eventualidades.
- As configurações de habitualidade, ao conferirem propriedades gerais às entidades a que se aplicam, manifestam um comportamento linguístico muito próximo daquele que caracteriza os estados de indivíduo. Porém, não comutam integralmente as situações básicas que nelas tomam parte, funcionando, dessa forma, não como operadores, mas como “perspectivadores” aspectuais.
- As configurações de habitualidade, mais do que quantificarem sobre situações, exprimem propriedades gerais, o que significa, em última instância, que tanto o número concreto de eventos que as integram quanto o grau de frequência em que estes ocorrem não se revelam indicadores particularmente relevantes para o seu licenciamento.
- As configurações de habitualidade, ao descreverem estados de indivíduo, requerem um intervalo de comparência obrigatoriamente longo e estável que, preferencialmente, se apresenta como não delimitado.

### 3. FREQUÊNCIA VS. HABITUALIDADE: DISTINÇÕES E CONVERGÊNCIAS

Frequência e habitualidade partilham entre si um conjunto de comportamentos linguísticos que as aproximam bastante. A presente secção deste trabalho será, pois, dedicada à comparação sistemática entre estruturas habituais e frequentativas. Começaremos por evidenciar as divergências que justificam a adopção de uma separação clara entre estes dois modos de repetição de situações. Seguidamente, procuraremos dar conta das semelhanças que unem frequência e habitualidade, recorrendo, para tal, à investigação da interacção que estabelecem com certos componentes da gramática, como alguns tempos gramaticais e adverbiais temporais.

#### 3.1. *Distinções entre Construções de Frequência e de Habitualidade*

Embora, como veremos mais adiante, as construções frequentativas e habituais partilhem comportamentos linguísticos que inequivocamente as aproximam, descrevem, na essência, padrões de repetição de situações bem distintos.

Assim, constatámos que, enquanto as estruturas frequentativas remetem para a simples quantificação sobre eventualidades, enumerando-as, as configurações habituais dão origem a um estado que caracteriza os indivíduos a que se aplicam.

Uma tão significativa divergência em termos do alcance dos efeitos da repetição de situações a que dão lugar terá, necessariamente, importantes consequências ao nível do comportamento linguístico ostentado por estes dois tipos de configuração. Vejamos em que medida.

Uma das distinções mais evidentes que nos permitem traçar uma fronteira clara entre a frequência e a habitualidade tem que ver com as restrições impostas ao intervalo de ocorrência em que as referidas estruturas podem ter lugar. Enquanto as configurações frequentativas manifestam uma grande flexibilidade no que diz respeito ao intervalo de enquadramento que as acompanha, as construções habituais encontram-se limitadas a períodos de tempo longos e estáveis. Assim, e ao contrário do que sucede com as frases que denotam frequência (*cf.* 51-52), as que exprimem habitualidade dão

tipicamente origem a anomalia semântica quando o intervalo em que decorrem é relativamente curto (*cf.* 53-54).

- (51) No dia 10 de Junho / Entre as oito e as dez da noite, o meu computador bloqueou várias vezes / frequentemente.
- (52) Na semana passada, a Maria telefonou-me várias vezes / frequentemente.
- (53) #No dia 10 de Junho / Entre as oito e as dez da noite, o meu computador bloqueou habitualmente.
- (54) #Na semana passada, a Maria telefonou-me habitualmente.

Por outro lado, a frequência, enquanto expressão da simples quantificação ou da enumeração de situações, parece requerer a ocorrência obrigatória, em termos absolutos, de um número mínimo de eventualidades para que possa ser licenciada. Pelo contrário, a habitualidade, ao generalizar sobre os indivíduos a que se aplica, parece ser bem mais flexível a este respeito. Comparem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (55) (#)O João passa várias vezes / frequentemente o Natal com os pais.
- (56) O João passa habitualmente o Natal com os pais.
- (57) (#)A Paula participa várias vezes / frequentemente nos Jogos Olímpicos.
- (58) A Paula participa habitualmente nos Jogos Olímpicos.

Juízos de aceitabilidade como os que acabámos de apresentar parecem sugerir que, enquanto as configurações frequentativas têm em conta a cardinalidade absoluta no que se refere à ocorrência das situações, as estruturas habituais, ao procederem a uma generalização sobre eventualidades, privilegiam, de preferência, não tanto o número das suas realizações concretas, mas antes o tipo de relação que estabelecem com os indivíduos que predicam.

Mesmo quando os falantes aceitam exemplos como os representados por (55) e (57), é unicamente a quantidade de ocorrências da situação que parece estar em causa, eventualmente associada, no caso do adverbial de frequência, a uma certa regularidade em termos de distribuição das eventualidades. Pelo contrário, em (56) e (58), não é tanto o número de situações repetidas mas sobretudo a forma como elas se relacionam com os



indivíduos envolvidos, conferindo-lhes uma propriedade genérica, que terá uma maior relevância ao nível da sua interpretação.

Uma outra distinção a que já fomos fazendo referência prende-se com o facto de as estruturas habituais manifestarem importantes efeitos ao nível aspectual sobre as situações a que se aplicam, convertendo-as forçosamente em estativos. A expressão da frequência, pelo contrário, parece não acarretar necessariamente tais consequências. Voltaremos, todavia, a esta questão com mais pormenor quando nos debruçarmos sobre as possibilidades combinatórias das construções frequentativas e habituais com alguns tempos gramaticais do Português.

Embora frequência e habitualidade, como temos vindo a argumentar ao longo da presente exposição, se constituam como mecanismos semânticos perfeitamente distintos e autónomos, subsistem importantes pontos de convergência que, de uma maneira ou de outra, permitem aproximá-las. Nas próximas subsecções deste trabalho reflectiremos sucintamente sobre certas interações que apontam nesse sentido, procurando traçar um quadro mais adequado das relações que se estabelecem entre construções frequentativas e habituais.

### 3.2. *Frequência, Habitualidade e Tempos Gramaticais*

Enquanto desencadeadoras de estados de indivíduo, as configurações habituais combinam-se de preferência com tempos gramaticais que favorecem uma leitura não delimitada da situação que perspectivam, como é, por exemplo, o caso do Imperfeito ou do Presente do Indicativo.

Na realidade, a literatura sobre o Aspecto (*cf.*, entre muitos outros, Binnick 1991; Smith 1991) destaca consensualmente o facto de as situações de índole eventiva, quando combinadas com os referidos tempos gramaticais, receberem, por norma, uma interpretação habitual, como os exemplos que em seguida apresentamos parecem confirmar<sup>9</sup>:

---

<sup>9</sup> Na sua proposta de formalização para as estruturas habituais no Italiano, Lenci e Bertinetto (2000) chegam a fazer depender o licenciamento do operador de habitualidade da comparação de morfologia imperfectiva no verbo, realizada, nomeadamente, por tempos gramaticais como o Presente do Indicativo ou o

- (59) O João dá aulas na faculdade.
- (60) A Rita nada mariposa.
- (61) O Zé caçava borboletas.
- (62) O Ricardo fumava.

Pelo contrário, as configurações de natureza frequentativa, dando normalmente conta da simples quantificação de eventualidades, preferem a combinação com tempos gramaticais que, de alguma forma, procedem à delimitação do intervalo de tempo que as acompanha, como sucede, por exemplo, com o Pretérito Perfeito. Chegam mesmo a ser de todo incompatíveis com tempos como o Imperfeito, principalmente se o intervalo de enquadramento que lhes está associado manifesta muita curta duração (*cf.* 63-64) ou se, num intervalo não muito longo, o padrão de ocorrências é baixo (*cf.* 65-66):

- (63) #Ontem, o meu computador bloqueava frequentemente.
- (64) #Na semana passada, a Maria telefonava-me várias vezes.
- (65) #No ano passado, o Mário ia algumas / várias vezes a Coimbra.
- (66) #No ano passado, eu comprava algumas / várias vezes o jornal<sup>10</sup>.

Existem, no entanto, inúmeros casos em que a expressão da frequência se revela inteiramente compatível com os tempos gramaticais que remetem para a estatividade, como o Imperfeito e o Presente do Indicativo. Um tal facto é particularmente evidente quando o intervalo de enquadramento que acompanha as referidas

---

Imperfeito. Segundo os autores, apenas configurações em que ocorrem estas formas verbais estariam em condições de dar origem a interpretações habituais, em contraste com o que sucede com as designadas construções perfectivas que seriam unicamente compatíveis com a expressão da quantificação existencial de situações e, eventualmente, de alguns outros tipos de quantificação frequentativa propiciados pela combinação com adverbiais que remetem para uma tal leitura.

<sup>10</sup> Comparem-se estes exemplos com as frases seguintes, cujo padrão de frequência é manifestamente alto, e que nos parecem bem mais aceitáveis:

- (65') No ano passado, o Mário ia muitas vezes / frequentemente a Coimbra.
- (66') No ano passado, eu comprava frequentemente o jornal.

estruturas é longo (cf. 67-68) ou não está especificado na frase (cf. 69-70):

- (67) Entre 1990 e 2005, o Mário ia muitas vezes / frequentemente a Coimbra.
- (68) Nos seus primeiros anos de vida, a Rita estava frequentemente doente.
  
- (69) A Paula visitava ocasionalmente / muitas vezes a sua avó.
- (70) Eu encontrava algumas / várias / muitas vezes a Maria na faculdade.

Exemplos como os que acabámos de apresentar são bastante reveladores quanto à possibilidade de combinar propriedades características das construções frequentativas (simples quantificação de situações) com as das estruturas habituais (estatividade). Na realidade, as fronteiras entre frequência e habitualidade parecem, em configurações deste género, esbater-se um pouco: graças à conjugação dos adverbiais frequentativos com os tempos gramaticais desencadeadores de estatividade, frases como (67)-(70) manifestam simultaneamente os comportamentos típicos de construções frequentativas e habituais.

Por outro lado, embora em circunstâncias muito particulares, parece ser possível encontrar construções de cariz habitual perspectivadas pelo Pretérito Perfeito. Se bem que, em contexto “neutro”, o Pretérito Perfeito se revele inteiramente inconciliável com as estruturas de natureza habitual, existem configurações em que o referido tempo gramatical se parece compatibilizar com a expressão da habitualidade. Reportamo-nos, em particular, aos casos em que surge um adverbial de simples duração bastante longo (impossível, portanto, de ser associado à duração das situações básicas representadas) que mede o intervalo em que o estado habitual decorre. Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (71) A Raquel jogou ténis durante vinte anos.
- (72) O João leu o Jornal de Notícias durante vinte anos.

Se aceitarmos que as frases em (71) e (72) podem ser parafraseadas por (71') e (72'), respectivamente, estaremos, sem dúvida, a atribuir-lhes um certo carácter estativo, propriedade esta

que, como já referimos, nos permite detectar a presença de um padrão de habitualidade.

(71') A Raquel foi jogadora de ténis durante vinte anos.

(72') O João foi leitor do Jornal de Notícias durante vinte anos.

Tomando como ponto de partida a discussão que acabámos de realizar, diremos que, se, por um lado, as possibilidades combinatórias com os tempos gramaticais nos permitem estabelecer diferenças bastante significativas entre construções frequentativas e habituais, por outro parecem também ser capazes de favorecer a sua aproximação.

Observámos que, preferencialmente, as estruturas frequentativas se articulam com tempos gramaticais, como o Pretérito Perfeito, capazes de delimitar o intervalo em que a quantificação de situações se verifica, ao passo que os habituais seleccionam tendencialmente tempos gramaticais não delimitados e aptos a estativizar as situações a que se aplicam, como é o caso do Imperfeito ou do Presente do Indicativo. No entanto, constatámos que, reunidas as condições apropriadas, os adverbiais de frequência se articulam com o Presente ou com o Imperfeito, dando lugar a estruturas muito próximas das configurações de habitualidade; por seu lado, os estados habituais podem, excepcionalmente, ser perspectivados pelo Pretérito Perfeito, que procede a uma delimitação do estativo de indivíduo veiculado.

Seja como for, os tempos gramaticais parecem desempenhar um papel de crucial relevância no que se refere à caracterização das construções frequentativas e habituais, embora, como tivemos oportunidade de comprovar, não possam, por si sós, ser tomados como condição suficiente para justificar o estabelecimento da distinção em causa.

### *3.3. Frequência, Habitualidade e Adverbiais Temporais*

Antes de darmos o presente trabalho por concluído, parece-nos interessante tecer algumas breves considerações sobre o papel desempenhado pelos adverbiais temporais no contexto de construções frequentativas e habituais.

Como já foi dito, as estruturas que denotam frequência admitem adverbiais que remetem para intervalos de enquadramento de

extensão muito variável, ao contrário do que acontece com as configurações habituais, que, dando conta de estados de indivíduo, requerem um período de ocorrência forçosamente longo e estável. Comparem-se (73)-(75) com (76)-(78):

- (73) No dia 10 de Junho / Entre as oito e as dez da noite, o meu computador bloqueou frequentemente.
- (74) Na semana passada, o João encontrou a Maria muitas vezes.
- (75) Durante vinte anos, o Rui praticou desporto frequentemente.
  
- (76) #No dia 10 de Junho / Entre as oito e as dez da noite, o meu computador bloqueou habitualmente.
- (77) #Na semana passada, o João encontrou geralmente a Maria.
- (78) Durante vinte anos, o Rui praticou desporto habitualmente.

A diferença entre a função das expressões durativas nos contextos em causa –medição do estado habitual vs. simples localização do padrão frequentativo– poderá ajudar a explicar a emergência de fortes restrições no que respeita aos advérbiais que acompanham as construções habituais, em comparação com a grande flexibilidade demonstrada por aqueles que co-ocorrem com as estruturas de cariz frequentativo.

Finalmente, importa prestar um pouco de atenção à interação que, em estruturas habituais, se verifica entre o advérbial de medição do estado e o advérbial que expressa a habitualidade. Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (79) \*Habitualmente, o João leu / lia o jornal durante vinte anos.
- (80) (?/??)Durante vinte anos, o João leu / lia o jornal habitualmente.
- (81) Durante vinte anos, o João habitualmente leu / lia o jornal.
- (82) Durante vinte anos, o João leu / lia habitualmente o jornal.
- (83) \*Habitualmente, a Ana visitou / visitava a avó durante vinte anos.
- (84) (?)Durante vinte anos, a Ana visitou / visitava a avó habitualmente.
- (85) Durante vinte anos, a Ana habitualmente visitou / visitava a avó.

- (86) Durante vinte anos, a Ana visitou / visitava habitualmente a avó<sup>11</sup>.

Os exemplos que acabámos de apresentar sugerem que, tipicamente, o adverbial de duração terá que ter escopo largo sobre o adverbial que expressa a quantificação habitual. Assim, (79) e (83), em que o adverbial quantificacional ocupa uma posição mais periférica do que o adverbial temporal –o que, em termos de análise sintáctica, indicia fortemente que o primeiro terá escopo sobre o segundo– são consideradas frases semanticamente anómalas.

Já (80) e (84) parecem ser mais facilmente aceitáveis, dado que é possível atribuir-lhes uma interpretação em que o adverbial temporal tem escopo largo sobre o adverbial que exprime habitualidade. No entanto, frases como as de (81)-(82) e (85)-(86) são preferidas pelos falantes, na medida em que a sua estrutura confere, de forma bem explícita e sem ambiguidades, uma posição mais periférica ao adverbial de simples duração que, assim, terá obrigatoriamente escopo sobre o adverbial quantificacional<sup>12</sup>.

Tais observações estão, a nosso ver, em perfeita conformidade com a hipótese avançada na secção 2, segundo a qual o “perspectivador” de habitualidade confere uma interpretação estativa às predicções a que se aplica. Dado que o adverbial temporal tem como principal função a de medir o estado habitual, terá que

---

<sup>11</sup> Para alguns falantes do Português, o uso do Imperfeito parece ser, nestes contextos, menos aceitável do que o do Pretérito Perfeito. Esta constatação deve-se, muito provavelmente, ao facto de as frases em causa incluírem um adverbial de simples duração que marca explicitamente as fronteiras do estado habitual. Ora, como sabemos, o Imperfeito é um tempo gramatical que intrinsecamente supõe a não delimitação, o que origina uma certa tensão entre as suas propriedades semânticas e as que caracterizam o adverbial de medição temporal com que aqui ocorre.

<sup>12</sup> É curioso observar que, em exemplos como (82) e (86), podemos obter uma interpretação em que o adverbial que exprime habitualidade parece quantificar não tanto o todo da situação mas principalmente os argumentos internos nela envolvidos. Sob este ponto de vista, as frases em questão destacariam, na referida leitura, o facto de que é habitualmente o jornal (e não outro tipo de publicação) que o João lê ou de que é habitualmente a avó (e não qualquer outra pessoa) que a Maria visita, sendo o padrão de repetição da eventualidade, encarada na sua globalidade, deixado, por assim dizer, para segundo plano. Esta nossa intuição obriga, no entanto, a um estudo bem mais aprofundado do âmbito de aplicação dos adverbiais que expressam habitualidade, nomeadamente no que se refere à possibilidade de quantificação habitual sobre expressões nominais, o que, naturalmente, ultrapassa em muito os objectivos traçados para o presente trabalho.

apresentar forçosamente escopo largo sobre os elementos linguísticos que lhe dão origem. Por outras palavras, o adverbial durativo terá que ocupar uma posição mais alta na hierarquia sintáctica em comparação com o adverbial que denota habitualidade, já que, em última instância, é a totalidade do estativo de cariz habitual que está a ser medida por ele.

As restrições combinatórias manifestadas pelos diferentes tipos de adverbiais envolvidos nas construções de índole habitual são muito reveladoras, na medida em que reflectem os princípios gerais que regem a sua estruturação. Nesse sentido, verificámos que os adverbiais associados às predicções básicas ocupam tipicamente as posições sintácticas hierarquicamente mais baixas; por seu lado, os adverbiais que remetem para a habitualidade têm escopo sobre as eventualidades de origem, perspectivando-as como estados de indivíduo; finalmente, os adverbiais de simples duração que contribuem para a medição da extensão do estado habitual têm escopo sobre a totalidade da frase e só podem ser licenciados após a actuação dos elementos indutores de habitualidade que, tal como argumentámos na secção 2, conferem ao todo da predicção um carácter estativo.

Sistematizando, podemos afirmar que os diferentes padrões combinatórios com os adverbiais temporais desempenham um papel crucial no que respeita à distinção entre estruturas frequentativas e habituais. No entanto, em circunstâncias particulares, as fronteiras entre estes dois modos de quantificação de situações parecem, mais uma vez, esbater-se substancialmente, sobretudo nos contextos em que se verifica alta frequência de repetição de eventualidades ou a ocorrência de intervalos de enquadramento longos ou não delimitados.

#### 4. CONCLUSÃO

Frequência e habitualidade representam modos distintos de encarar a repetição de situações. Assim, a frequência limita-se a quantificar situações da mesma natureza, sem proceder a alterações significativas ao nível das suas propriedades básicas intrínsecas enquanto a habitualidade generaliza sobre os estados de coisas com

que se combina, perspectivando-os enquanto estativos capazes de caracterizar os indivíduos que predicam.

A confirmar a independência e a identidade próprias destas duas estratégias de repetição de situações, encontram-se configurações que, de um certo modo, evidenciam a possibilidade da coexistência e da interação que entre elas por vezes somos capazes de surpreender.

Apesar da sua autonomia própria, confirmada pelas significativas divergências em termos do comportamento linguístico ostentado, frequência e habitualidade partilham importantes propriedades comuns. Esses pontos de contacto são, por vezes, bem evidentes, como acontece, por exemplo, nos casos em que determinados adverbiais de frequência participam em estruturas de natureza estativa, característica esta que, como vimos, permite identificar as configurações habituais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINNICK, R. (1991): *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect*, Oxford: Oxford University Press.
- CARLSON, G. e PELLETIER, F. (eds.) (1995): *The Generic Book*, Chicago: The University of Chicago Press.
- CUNHA, L. F. (2004): *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*, Dissertação de Doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GEENHOVEN, V. (2004): “For-Adverbials, Frequentative Aspect, and Pluractionality”, *Natural Language Semantics*, Vol. 21, N° 2, 135-190.
- KAMP, H. e REYLE, U. (1993): *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht: Kluwer.
- KRIFKA, M. *et al.* (1995): “Genericity, an Introduction”, in G. Carlson e F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*, Chicago: The University of Chicago Press, 1-125.
- LENCI, A. (1995): “The Semantic Representation of Non-quantificational Habituals”, in P. M. Bertinetto *et al.* (eds.), *Temporal Reference, Aspect and Actionality, Vol. 1: Semantic and Syntactic Perspectives*, Torino: Rosenberg & Sellier, 143-158.
- LENCI, A. e BERTINETTO, P. M. (2000): “Aspects, Adverbs, and Events: Habituality vs. Perfectivity”, in J. Higginbotham, F. Pianesi e A. C.



- Varzi (eds.), *Speaking of Events*, New York/Oxford: Oxford University Press, 245-287.
- MOENS, M. (1987): *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Dissertação de Doutorado, Edimburgo.
- OLIVEIRA, F. (1997): “Frases Genéricas”, *Sentido que a Vida Faz – Estudos para Óscar Lopes*, Porto: Campo das Letras, 745-755.
- SMITH, C. (1991): *The Parameter of Aspect*, Dordrecht: Kluwer Academic Press.
- VERKUYL, H. (1993): *A Theory of Aspectuality, the Interaction Between Temporal and Atemporal Structure*, Cambridge: Cambridge University Press.